



# DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

R. LAIRD HARRIS  
GLEASON L. ARCHER, JR.  
BRUCE K. WALTKE

## INTRODUÇÃO

---

Há muito se reconhece o valor de livros que auxiliam no estudo teológico de palavras do Antigo e do Novo Testamento. Os estudos de vocábulos feitos por W. E. Vine são bem conhecidos no campo do Novo Testamento. A principal obra, o *Theological Dictionary of the New Testament*, recebe agora a companhia de um extenso *Theological Dictionary of the Old Testament*, que terá muitos volumes.

O *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (DITAT)* acompanha essa tradição, mas aborda a questão de um ponto de vista prático e menos exaustivo do que as principais obras. O pastor atarefado ou o obreiro cristão dedicado que não possua o tempo nem a bagagem para um estudo técnico e detalhado deve assim mesmo ter à sua disposição uma ferramenta para o estudo das palavras teologicamente significativas da Bíblia hebraica. Os editores estão convictos de que, para a correta compreensão dos termos teológicos do Antigo Testamento, é fundamental crer na verdade da Bíblia. Coisas espirituais “se discernem espiritualmente” (1 Co 2.14). Por essa razão, há aproximadamente 13 anos, eles arregimentaram cerca de 40 especialistas evangélicos que deveriam escrever definições técnicas dos importantes termos teológicos do Antigo Testamento, definições essas que seriam úteis para seus irmãos na tarefa de interpretar as Escrituras.

O estudo dos vocábulos não conduz a uma compreensão total do texto do Antigo Testamento — nem de qualquer outro texto. As palavras devem ser sempre interpretadas em seu contexto. Elas possuem um campo semântico, isto é, um campo de significados, de modo que a palavra hebraica *’amar* pode às vezes ter o sentido de “falar” e às vezes de “ordenar”. Por essa razão, de um lado ela se sobrepõe a *dābar* e de outro, a *tsāwā*. Assinale-se também que as etimologias das palavras nem sempre determinam seus sentidos. Usamos, no dia-a-dia, palavras de origem pagã que não mais carregam tal conotação. Os nomes dos meses do nosso calendário, por exemplo, têm origem em deuses romanos. Mas, nós não cremos neles. Os hebreus também não inventaram a sua língua. Ela era usada em Canaã antes da conquista. Por isso, algumas palavras hebraicas podem ter origem cananéia, o que não quer dizer que os hebreus as empregassem com a conotação cananéia original. O uso encontrado na Bíblia é, portanto, o melhor critério para verificar o sentido de uma palavra, e para tanto os autores dos verbetes fizeram uso em grande parte de suas concordâncias bíblicas. Mas, embora às vezes o uso da palavra na Bíblia seja limitado, todos os dados disponíveis foram avaliados, cremos nós, criteriosamente. Entre nossos leitores haverá diferenças de opinião quanto a algumas das conclusões aqui apresentadas. Tais diferenças surgirão, em parte, em decorrência de

## INTRODUÇÃO

diferentes pontos de vista sobre o tema. Obviamente os estudos aqui apresentados não são exaustivos nem definitivos, mas os editores e os autores acreditam que as definições apresentadas podem ser bem sustentadas. Esperamos que esta obra resulte na edificação da igreja de Cristo com o auxílio que venha a prestar aos ministros da igreja e aos servos do Senhor.

Muitas vezes não foi fácil decidir quais palavras deveriam ser definidas e, dentre elas, quais deveriam ser objeto de estudo mais extenso. Em muitos casos é possível questionar as decisões tomadas. Em parte devido a isso e em parte devido à vantagem de ter pelo menos mencionadas todas as palavras do Antigo Testamento, decidiu-se incluir também os vocábulos que não foram escolhidos para serem tratados em verbetes e dar-lhes definições de uma linha — em geral seguindo-se o *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, preparado por Francis Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, obra essa que há muito tornou-se padrão no mundo de língua inglesa.

Decidiu-se não incluir nomes próprios do Antigo Testamento, com exceção de uns poucos de especial valor teológico, como é o caso de Abraão, Jerusalém, Jordão e outros. Quanto aos princípios da formação de nomes próprios no mundo hebraico, pode-se consultar o trabalho do Dr. Allan A. MacRae, “The semitic names in the Nuzi Tablets”, em *Nuzi Personal Names*, organizado por I. J. Gelb (Chicago, University of Chicago, 1943).

As bibliografias que acompanham muitos dos artigos foram em grande parte preparadas pelos autores dos próprios artigos, mas os editores também procuraram suplementar o material dos autores. O Dr. Tom Finch, que recentemente pós-graduou-se pelo Dallas Theological Seminary, fez uma cuidadosa triagem dos principais periódicos teológicos dos últimos 30 anos, especialmente aqueles em inglês, em busca de artigos que tratassem do sentido das palavras analisadas. Os editores verificaram, então, se esses artigos eram úteis para constar nas bibliografias. Outras fontes foram frequentemente mencionadas, tais como o *Theological Dictionary of the New Testament* (que possui um índice das palavras hebraicas discutidas) e o *Theologisches Handbuch zum Alten Testament*. O *Theological Dictionary of the Old Testament*, em boa parte, não esteve disponível.

Os vocábulos encontram-se dispostos de acordo com as consoantes do alfabeto hebraico (veja detalhes nas “Sugestões de Uso”). O DITAT reúne vocábulos correlatos e define substantivos, adjetivos e outras classes de palavras junto com a raiz de onde procedem. Reunir palavras correlatas traz a vantagem da comodidade e da economia. Há, talvez, a desvantagem de enfatizar demasiadamente a etimologia em detrimento do uso. Outra desvantagem é que os substantivos com prefixos aparecem fora da ordem alfabética. Para solucionar esse problema, qualquer palavra cuja grafia difira da de sua raiz encontra-se mencionada na devida seqüência alfabética, tendo ao lado uma referência numérica que remete o leitor à raiz. (Novamente, veja detalhes nas “Sugestões de Uso”.)

No hebraico, como é bem conhecido, as raízes, na maioria, são verbos, e estes se formam a partir de um modelo triconsonantal. Com apenas 22 consoantes, um sistema de raízes triconsonantais é um tanto quanto limitado. O vocabulário hebraico é bem menor do que o rico vocabulário português com seus milhares de palavras. E o vocabulário bíblico é apenas uma percentagem — uma percentagem desconhecida — das palavras em uso na língua viva. Assim mesmo, algumas combinações de letras formam uma, duas ou

até mais raízes que usam as mesmas consoantes. Essas raízes são indicadas como I, II, III e assim por diante. Na verdade, os vários especialistas divergem: para eles uma raiz tem dois sentidos um tanto quanto diferentes ou há duas raízes distintas em questão. Em tais casos, geralmente os autores analisam o assunto.

O valor do DITAT deve-se, em grande parte, ao trabalho fiel de 46 autores, os quais concordaram em estudar as palavras que lhes foram designadas e sintetizar seu estudo dentro do formato determinado. Seus verbetes são assinados.

Solicitou-se aos autores que estudassem suas palavras do ponto de vista do uso bíblico, da origem etimológica, da comparação com as línguas cognatas, das traduções antigas, dos sinônimos, dos antônimos e do significado teológico. Também que examinassem o uso de suas palavras em passagens especialmente difíceis. Naturalmente nem todos esses itens se aplicam a cada palavra. E os autores sentiram a pressão de fazer o seu estudo caber dentro dos estreitos limites de uma obra em volumes. Muitas coisas que eles gostariam de ter incluído não puderam ser tratadas.

Deve-se explicar que, embora os autores tenham em comum o elevado ponto de vista da fidedignidade da Bíblia e da confiabilidade de seu texto, são de diferentes denominações e tradições exegéticas. No geral os editores deram liberdade aos autores para se expressarem. Por essa razão, é de esperar alguma variação no tratamento. Por exemplo, alguns empregam o nome "Iavé" para designar o Deus de Israel, outros, o nome "Senhor", outros, "Jeová". (Essa questão é analisada sob a possível raiz do nome, *hāyā*.) Em alguns casos, quando o escritor apresentou apenas um ponto de vista sobre um assunto específico, os editores, para que a obra fosse completa, mencionaram um enfoque diferente. Em casos significativos, esses acréscimos foram submetidos aos autores e aprovados. Em casos de menor importância, os próprios editores acrescentaram tal material adicional, crendo que ele não violava a integridade do pensamento do autor. Se em qualquer desses casos o tempo disponível e as circunstâncias impediram o contato com os autores e as idéias destes não foram devidamente representadas, os editores só podem dizer que lamentam sinceramente e esperam não ter causado dano. Em alguns casos, quando um material adicional considerado útil, talvez especulativo, ou quando outros pontos de vista puderam ser aproveitados, os editores acrescentaram tal material entre colchetes, acompanhados de suas próprias iniciais.

Todos os artigos foram lidos pelo editor. Além disso, os dois co-editores leram, cada um deles, cerca de metade dos artigos. De modo que tudo foi conferido duas vezes. A responsabilidade final sobre o que esteja incorreto é do editor.

A obra levou muito mais tempo do que o esperado. Escolher autores e incentivá-los a cumprir os prazos foi um processo demorado. Vários autores, bem como os editores, estavam bastante envolvidos com a tradução da Bíblia conhecida como *New International Version* e deram prioridade para a tradução. Mas os colaboradores foram cuidadosos e fiéis, e, no devido tempo, o material tornou-se volumoso. Nossa dívida é com Chrisona Peterson (agora Sr.<sup>a</sup> Julian Schmidt), copidesque, pois trabalhou longamente, cuidando de revisão, estilo, alfabetação, corte, *paste-up* (*ad infinitum*) e leitura de provas. Já se mencionou o trabalho do Dr. Tom Finch com as bibliografias. Dois alunos do Covenant Seminary, Jeffrey Weir e Ken Wolf, trabalharam no índice de equivalência (entre os números do DITAT e os da concordância de Strong), que se acha no final da obra em inglês. A editora Moody Press e seus representantes, primeiro David R. Douglass e

## INTRODUÇÃO

posteriormente William G. Crider, foram muito prestativos e apoiaram em cada momento. Por fim é preciso agradecer sinceramente à copiadora Xerox e ao processo de impressão “computer tape”, que prestou enorme ajuda na produção de um livro de tipografia complicada e de considerável extensão como este.

Com gratidão ao Senhor pelo término desta obra, oramos para que sua bênção esteja sobre ela (Sl 90.17).

St. Louis, Missouri, 1980

R. Laird Harris  
Gleason L. Archer, Jr.  
Bruce K. Waltke

## COLABORADORES

---

Esta lista foi organizada pelo sobrenome do autor.

- R.L.A. ALDEN, Robert, L., Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Conservative Baptist Theological Seminary, Denver, Colorado, Estados Unidos
- R.H.A. ALEXANDER, Ralph H., Th.D., Professor de Língua e Exegese do Antigo Testamento, Western Conservative Baptist Seminary, Portland, Oregon, Estados Unidos
- R.B.A. ALLEN, Ronald B., Th.D., Professor de Língua e Exegese do Antigo Testamento, Western Conservative Baptist Seminary, Portland, Oregon, Estados Unidos
- G.L.A. ARCHER, Jr., Gleason L., Ph.D., Professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois, Estados Unidos
- H.J.A. AUSTEL, Hermann J., Ph.D., Deão, North West Baptist Seminary, Tacoma, Washington, Estados Unidos
- A.B. BOWLING, Andrew, Ph.D., Professor Adjunto de Bíblia e Religião, John Brown University, Siloam Springs, Arcansas, Estados Unidos
- G.L.C. CARR, G. Lloyd, Ph. D., Professor de Bíblia e Estudos Teológicos, Gordon College, Wenham, Massachusetts, Estados Unidos
- G.G.C. COHEN, Gary G., Th.D., Reitor, Clearwater Christian College, Clearwater, Flórida, Estados Unidos
- W.B.C. COKER, William B., Ph.D., Professor Adjunto de Bíblia, Asbury College, Wilmore, Kentucky, Estados Unidos
- L.J.C. COPPES, Leonard J., Th.D., Pastor, Harrisville, Pensilvânia, Estados Unidos
- R.D.C. CULVER, Robert D., Th.D., Professor de Antigo Testamento e Hebraico, Winnipeg Theological Seminary, Otterburne, Manitoba, Canadá
- C.L.F. FEINBERG, Charles L., Th.D., Ph.D., Ex-Deão e Professor Emérito de Estudos Semíticos e Antigo Testamento, Talbot Theological Seminary, La Mirada, Califórnia, Estados Unidos
- M.C.F. FISHER, Milton C., Ph.D., Reitor e Professor de Antigo Testamento, Reformed Episcopal Seminary, Upper Darby, Pensilvânia, Estados Unidos
- P.R.G. GILCHRIST, Paul R., Ph.D., Professor de Estudos Bíblicos, Covenant College, Lookout Mountain, Tennessee, Estados Unidos
- L.G. GOLDBERG, Louis, Th. D., Professor de Teologia e Estudos Judaicos, Moody Bible Institute, Chicago, Illinois, Estados Unidos

## COLABORADORES

- V.P.H. HAMILTON, Victor P., Ph.D., Professor Titular da Divisão de Filosofia e Religião, Asbury College, Wilmore, Kentucky, Estados Unidos
- R.L.H. HARRIS, R. Laird, Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Missouri, Estados Unidos
- J.E.H. HARTLEY, John E., Ph.D., Professor Titular da Divisão de Filosofia e Religião, Azusa Pacific College, Azusa, Califórnia, Estados Unidos
- C.D.I. ISBELL, Charles D., Ph.D., Ex-Professor Adjunto de Antigo Testamento, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missúri, Estados Unidos
- W.C.K. KAISER, Walter C., Ph.D., Deão e Professor Titular de Antigo Testamento e Línguas Semíticas, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois, Estados Unidos
- E.S.K. KALLAND, Earl S., Th.D., D.D., Professor Emérito de Antigo Testamento e Ex-Deão do Conservative Baptist Seminary, Denver, Colorado, Estados Unidos
- J.P.L. LEWIS, Jack P., Ph.D., Professor de Bíblia, Harding Graduate School of Religion, Memphis, Tenessi, Estados Unidos
- G.H.L. LIVINGSTON, G. Herbert, Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Asbury Theological Seminary, Wilmore, Kentucky, Estados Unidos
- T.E.M. MCCOMISKEY, Thomas E., Ph.D., Professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois, Estados Unidos
- A.A.M. MACRAE, Allan A., Ph.D., Reitor e Professor de Antigo Testamento, Biblical School of Theology, Hatfield, Pensilvânia, Estados Unidos
- E.A.M. MARTENS, Elmer A., Ph.D., Reitor e Professor de Antigo Testamento, Mennonite Brethren Biblical Seminary, Fresno, Califórnia, Estados Unidos
- J.N.O. OSWALT, John N., Ph.D., Professor Adjunto de Línguas e Literatura da Bíblia, Asbury Theological Seminary, Wilmore, Kentucky, Estados Unidos
- R.D.P. PATTERSON, R. D., Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Grand Rapids Baptist Seminary, Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos
- J.B.P. PAYNE, J. Barton, Ph.D., Falecido Professor de Antigo Testamento, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Missúri, Estados Unidos
- C.R. ROGERS, Cleon, Th.D., Reitor, Freie Theologische Akademie, Seeheim, Alemanha
- J.B.S. SCOTT, Jack, B., Ph.D., Ex-Professor de Antigo Testamento, Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississípi, Estados Unidos
- C.S. SCHULTZ, Carl, Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Houghton College, Houghton, Nova Iorque, Estados Unidos
- E.B.S. SMICK, Elmer B., Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Gordon-Conwell Theological Seminary, South Hamilton, Massachusetts, Estados Unidos
- J.E.S. SMITH, James E., Th.D., Deão Acadêmico e Professor de Antigo Testamento, Central Florida Bible College, Orlando, Flórida, Estados Unidos
- H.G.S. STIGERS, Harold G., Ph.D., Ex-Professor, Escritor e Conferencista, Glendale, Missúri, Estados Unidos
- G.V.G. VAN GRONINGEN, G., Ph.D., Reitor, Trinity Christian College, Palos Heights, Illinois, Estados Unidos
- B.K.W. WALTKE, Bruce K., Th.D., Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Regents College, Vancouver, Colúmbia Britânica, Canadá

## COLABORADORES

- C.P.W. WEBER, Carl Philip, Ph.D., Professor, Letcher High School, Whitesburg, Kentucky, Estados Unidos
- W.W. WHITE, William, Ph.D., Especialista em Línguas Bíblicas, Warrington, Pensilvânia, Estados Unidos
- M.R.W. WILSON, Marvin R., Ph.D., Professor de Estudos Bíblicos, Gordon College, Wenham, Massachusetts, Estados Unidos
- D.J.W. WISEMAN, Donald J., D. Lit., Professor de Assiriologia, School of Oriental and African Studies, Londres, Inglaterra
- L.W. WALKER, Larry, Ph.D., Professor de Antigo Testamento e Hebraico, Mid-America Baptist Seminary, Memphis, Tennessee, Estados Unidos
- H.W. WOLF, Herbert, Ph.D., Professor Adjunto de Antigo Testamento, Wheaton College, Wheaton, Illinois, Estados Unidos
- L.J.W. WOOD, Leon J., Ph.D., Falecido Professor de Antigo Testamento, Grand Rapids Bible Seminary, Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos
- E.Y. YAMAUCHI, Edwin, Ph.D., Professor e Diretor de Pós-Graduação do Departamento de História, Miami University, Oxford, Ohio, Estados Unidos
- R.F.Y. YOUNGBLOOD, Ronald F., Ph.D., Deão Adjunto do Curso de Pós-Graduação e Professor de Antigo Testamento, Wheaton College, Wheaton, Illinois, Estados Unidos



## SUGESTÕES DE USO

---

O DITAT é essencialmente um léxico hebraico e pode ser usado como qualquer outra obra do gênero. Contém, no entanto, certas características especiais cujo propósito é facilitar o seu uso, especialmente para os menos familiarizados com a língua hebraica. Esta obra foi basicamente feita para ser uma ferramenta útil para o pastor e para o estudante sério, que desejam estudar com diligência e ter uma compreensão mais completa do texto sagrado.

### Transliteração das Letras Hebraicas

Um aspecto do DITAT é o uso que faz da transliteração do hebraico em letras do alfabeto latino. Isso está não apenas em conformidade com a prática nos estudos ugaríticos e acadianos, mas, sem dúvida alguma, será útil para o não-especialista, que não tem muita familiaridade com os caracteres hebraicos. O sistema de transliteração não pretende ser definitivo ou científico; é prático. Na realidade, não há total concordância quanto à antiga pronúncia do hebraico, a duração e a qualidade de suas vogais, etc. Mas esse sistema procura dar um equivalente em português de cada consoante; a notação das vogais também oferece uma equivalência unívoca que permite que o hebraico seja plenamente reproduzido a partir de qualquer palavra transliterada.

Como se sabe, apenas as consoantes eram escritas nos primeiros estágios da língua hebraica e, em geral, elas são mais importantes em transmitir o sentido de uma palavra hebraica ao passo que as vogais são mais significativas para assinalar a forma. Existem 22 consoantes (23 caso se faça distinção entre *sin* e *shin*), e a maioria delas possui equivalente em nosso alfabeto. As letras hebraicas *zain*, *lamed*, *mem*, *nun*, *samekh*, *qoph*, *resh* e *shin* são facilmente representadas pelas letras *z*, *l*, *m*, *n*, *s*, *q*, *r* e *sh*. Veja a tabela de transliteração.

Existem seis consoantes hebraicas cuja pronúncia pode ser “oclusiva” ou “fricativa”. São as letras denominadas *beghadh-kephath*: *beth*, *gimel*, *daleth*, *kaph*, *pe* e *taw* (*b*, *g*, *d*, *k*, *p*, *t*). Quando escritas com um ponto “oclusor” no meio, essas letras são pronunciadas tal como o equivalente em português. Caso haja um som vocálico logo antes dessa consoante (e se elas não forem duplicadas), são pronunciadas diferentemente, mas não mudam de significado. Tecnicamente falando, essas letras são oclusivas, mas recebem uma pronúncia fricativa, ou seja, o ponto de articulação não fica inteiramente fechado caso haja um som vocálico a precedê-las. Essa pronúncia variante pode ser representada aproximadamente por *b/v*, *g/gh*, *d/dh* (que equivale ao *th* na palavra inglesa “this”), *k/kh*, *p/f* e *t/th* (que equivale ao *th* na palavra inglesa “thin”). Alguns sistemas de transliteração indicam essa variação nessas seis vogais oclusivas. Mas, uma vez que isso não faz

nenhuma diferença no sentido das palavras, julgou-se preferível representar todas essas letras sempre pelo seu som de oclusivas — a pronúncia “dura”. Dessa maneira *beth* é sempre *b*; *gimel*, *g*; *daleth*, *d*; *kaph*, *k*; *pe*, *p* e *taw*, *t*. (Em alguns sistemas de transliteração a pronúncia branda ou suave é assim representada: *bh*, *gh*, *dh*, *kh*, *ph*, *th*; em alguns outros: *b̄*, *ḡ* [ou *ḡ*], *d̄*, *k̄*, *p̄* [ou *p̄*], *t̄*.)

Duas consoantes são chamadas de enfáticas. É difícil determinar com exatidão como foram pronunciadas no passado, mas o *teth* é uma espécie de “*t*”, e o *tsadeh*, uma espécie de “*s*”. São representadas respectivamente por *t* (repare o ponto debaixo do *t*) e por *ts*. (Em alguns sistemas de transliteração o *tsadeh* é escrito *ṣ*, com um ponto debaixo do *s*.)

Mais três consoantes não possuem equivalente em português. São sons guturais feitos com a laringe. São geralmente representados da seguinte maneira: *'aleph*, com apóstrofo ('); *'ayin*, com apóstrofo invertido ('); *he*, com a letra *h*. Esta última consoante equivale ao som indicado pela letra *h* na palavra inglesa *house*. Há casos em que a consoante *he* é muda (veja abaixo). Existe outra consoante gutural usada em ugarítico, árabe e acadiano, mas não em hebraico, pronunciada com a língua não totalmente encostada no céu da boca (tecnicamente uma consoante fricativo-palatal surda). Quando ocorre, é representada por *ḥ*.

Um segundo *s* era, aparentemente, pronunciado exatamente como *samekh*, *s*, embora se pareça com *sin* (que se escreve com um ponto sobre o canto superior esquerdo, ao invés de direito, da consoante). Para fazer distinção entre esta consoante *sin* e o *samekh*, indicamos o *sin* com um acento agudo sobre o *s*: *ś*.

Juntamente com a gutural *he* (ה), as duas demais consoantes, *waw* (ו) e *yodh* (י), são às vezes pronunciadas como consoantes e às vezes como vogais, isto é, às vezes valem como consoante e às vezes como vogal. É possível identificar o uso dessas três letras (ה, ו, י) como vogal pois isso acontece quando vem precedidas (הּ, וּ, יּ) ou acompanhadas (יּ וּ) de determinados sinais vocálicos. Quando pronunciados como consoantes, o *waw* e o *yodh* têm som aproximado de *u* e *i*, sendo uma espécie de semivogais, sendo transliterados respectivamente por *w* e *y* (repare-se que na língua inglesa, por exemplo, as letras *w* e *y* são consideradas consoantes e indicam esse tipo de som meio vocálico e meio consonantal, como nas palavras *word* e *yes*). Em alguns sistemas de transliteração o *waw* é chamado de *vav* e pronunciado como *v* devido à influência alemã no estudo do hebraico no passado. Entretanto, caso essas letras sejam usadas como vogais, a vogal longa resultante é sempre (e só nesses casos) assinalada com um acento circunflexo (^). Há exemplos abaixo.

Todas as consoantes duplicadas (aquelas que em hebraico são assinaladas com um ponto no meio da letra) são simplesmente escritas duas vezes na transliteração.

Para facilitar o uso deste dicionário, ao lado da coluna “Transliteração Adotada” há outra coluna, “Transliterações de Outros Sistemas”. Por isso, o leitor que, por exemplo, encontrar num comentário bíblico a transliteração *ʾš* e não souber como ela é escrita em hebraico, poderá verificar na tabela que *ś* é usado em outros sistemas para representar *sh*. Assim, esse leitor terá condições de passar essa transliteração para o sistema aqui adotado, *ʾsh*, ou mesmo identificar a forma da palavra em caracteres hebraicos, שׁשׂ. Dessa forma, quer como *ʾsh*, quer como שׁשׂ, ele será capaz de localizar o respectivo verbete dentro desta obra. Veja a “Tabela de Consoantes”, nas páginas seguintes.

Tabela de Consoantes

Nome da consoante	Letra	Pronúncia provável	Transliteração adotada	Transliterações de outros sistemas
'aleph	א	Consoante muda, como o <i>h</i> de <i>homem</i> .	'	
beth	ב	Som equivalente a <i>b</i> , só que aspirado; algo parecido com <i>v</i>	<i>b</i>	<i>b</i> , <i>bh</i>
	בּ	<i>b</i>	<i>b</i>	
gimel	ג	Som equivalente a <i>g</i> de <i>gato</i> , porém aspirado	<i>g</i>	<i>g</i> , <i>g̃</i> , <i>gh</i>
	גּ	<i>g</i> (como em <i>gato</i> )	<i>g</i>	
daleth	ד	Som equivalente ao <i>th</i> da palavra inglesa <i>this</i>	<i>d</i>	<i>d</i> , <i>dh</i>
	דּ	<i>d</i>	<i>d</i>	
he	ה	Som equivalente ao <i>h</i> da palavra inglesa <i>his</i>	<i>h</i>	
	הּ	Som equivalente ao <i>h</i> na palavra inglesa <i>his</i>	<i>h</i>	
waw	ו	<i>u</i> ( <i>u</i> como no ditongo oral <i>mau</i> )	<i>w</i>	<i>v</i> (principalmente em gramáticas alemãs)
zayin	ז	<i>z</i>	<i>z</i>	
heth (ou heth)	ח	Som equivalente ao <i>ch</i> do alemão <i>Buch</i> e ao <i>j</i> do espanhol <i>trabajo</i>	<i>h</i>	<i>ch</i> (principalmente em gramáticas alemãs)
teth (ou teth)	ט	Som equivalente ao nosso <i>t</i> , porém pronunciado mais enfaticamente	<i>t</i>	
yodh	י	<i>i</i> (como no ditongo oral <i>pai</i> )	<i>y</i>	<i>j</i> (principalmente em gramáticas alemãs)
kaph	כּ ou ך	Som equivalente a <i>k</i> , porém aspirado	<i>k</i>	<i>k</i>

Nome da consoante	Letra	Pronúncia provável	Transliteração adotada	Transliterações de outros sistemas
lamedh	ל	q (como em <i>queijo</i> )	k	
mem	מ ou ם	l	l	
nun	נ ou ן	m (como em <i>mês</i> , mas não como em <i>tem</i> )	m	
samekh	ס	n (como em <i>nó</i> , mas não como em <i>hifen</i> )	n	
'ayin	ע	Som equivalente a s, talvez aspirado mais enfaticamente	s	ç, ș (este último no método de Paulo Mendes)
pe	פ ou ף	Som gutural sem equivalente nas línguas europeias, pronunciado com a língua retraída para o fundo da garganta, algo parecido ao som emitido ao gargarejar	'	
tsadeh	צ ou ץ	Som equivalente a p, porém aspirado; algo parecido com f (repare-se a grafia antiga de <i>farmácia</i> : <i>pharmácia</i> )	p	Ł, Ȕ, ph
qoph	ק	Som inexistente em português, equivalente ao zz do italiano <i>pizza</i>	p	ș, ç (este último na gramática de Guilherme Kerr)
resh	ר	Som inexistente em português, equivalente ao nosso q, só que pronunciado mais enfaticamente com a língua retraída	ts	
sin	שׁ	r	q	k
shin	שׂ	s	r	
taw	ת	x (como em <i>xis</i> )	ś	š
	תּ	Som equivalente ao th do inglês <i>thin</i>	sh	š
	תׁ	t	t	š
	תׂ	t	t	š

Tabela de Vogais

Nome da vogal	Vogal	Transliteração adotada	Exemplo com uso da consoante	Transliteração do exemplo e pronúncia aproximada	Transliterações de outros sistemas
pathah	◌	a	א	<i>ma</i> , como em <i>amarrar</i>	
qamets	◌	ā	אָ	<i>mā</i> , como em <i>megro</i>	â
qamets final com <i>he</i> vocálico	◌ֵ	â	אֵ	<i>mâ</i> , como em <i>megro</i>	
hiriq	◌ִ	i	אִ	<i>mi</i> , como em <i>milhar</i>	
hiriq com yodh	◌ִי	i	אִי	<i>mi</i> , como em <i>mina</i>	ī (i̇), escrito defectivamente
seghol	◌ֹ	e	אֹ	<i>mí</i> , como em <i>mina</i>	
sere	◌ֻ	ē	אֻ	<i>me</i> , como em <i>meta</i>	
sere com yodh	◌ֻי	ê	אֻי	<i>mē</i> , como em <i>medo</i>	
qamets-hatuph	◌ֵ	o	אֵ	<i>mê</i> , como em <i>lei</i>	
holem	◌ֹ	ó	אֹ	<i>mo</i> , como em <i>moda</i>	
holem com waw	◌ֹו	ó	אֹו	<i>mô</i> , como em <i>mofo</i>	
qibbuts	◌ֻ	u	אֻ	<i>mô</i> , como em <i>mofo</i>	
	◌ֻו	u	אֻו	<i>mu</i> , como em <i>mudar</i>	
shureq (sempre com waw)	◌ֻוֹ	ú	אֻוֹ	<i>mu</i> , como em <i>muro</i>	ū (u̇), escrito defectivamente
	◌ֻוֹו	ú	אֻוֹו	<i>mú</i> , como em <i>muro</i>	

Várias outras combinações de vogais e consoantes mudas são auto-explicativas:

Nome da vogal	Vogal	Transliteração adotada	Exemplo com uso da consoante ׀	Transliteração do exemplo
qamets com <i>he</i> final consonantal	׀,	<i>āh</i>	׀ׁ	<i>māh</i>
qamets com <i>'aleph</i> final vocálico	׀,	<i>ā'</i>	׀ׁ	<i>mā'</i>
sere com <i>he</i> final vocálico	׀,	<i>ēh</i>	׀ׂ	<i>mēh</i>
seghol com <i>he</i> final vocálico	׀,	<i>eh</i>	׀׃	<i>meh</i>

As semivogais são todas pronunciadas virtualmente da mesma maneira — como o segundo *a* na pronúncia de Portugal da palavra "cama":

Nome da vogal	Vogal	Transliteração adotada	Exemplo com uso da consoante ׀	Transliteração do exemplo	Transliterações de outros sistemas
shewa	׃	<i>ē</i>	׃	<i>m'</i>	<i>ə</i>
hateph-pathah	׃	<i>ā</i>	׃	<i>mā</i>	<i>* (a suspenso)</i>
hateph-seghol	׃	<i>ē</i>	׃	<i>mē</i>	<i>* (e suspenso)</i>
hateph-qamets	׃	<i>ō</i>	׃	<i>mō</i>	<i>° (o suspenso)</i>

## SUGESTÕES DE USO

Existem treze vogais plenas e quatro semivogais em hebraico. Outro sinal, que assinala o fim de uma sílaba, o *shewa mudo* (ְ), não tem nenhum som e não é indicado neste sistema. No caso da vogal *qibbutz*, alguns sistemas de transliteração adotam *u* quando a vogal hebraica (ּ) indica vogal breve em sílaba aberta e *ū* quando indica vogal longa em sílaba fechada. As transliterações dessas vogais e também sua pronúncia aproximada após a letra *mem* (מ) são como nas tabelas das páginas seguintes.

Alguns exemplos de palavras transliteradas são: דָּבָר (*dābar*), דִּבֵּר (*dōbēr*), דִּבְרָה (*dōb'rā*), דְּבִיר (*dābūr*), מְדַבֵּר (*m'dabbēr*), אֲדַבֵּר (*'ādubbar*).

Para os menos familiarizados com o uso do hebraico transliterado, dedicar uma pequena atenção às tabelas acima tornará fácil a visualização das letras hebraicas equivalentes. Para aqueles que estão menos familiarizados com os caracteres hebraicos, o uso da transliteração tornará plenamente viável o estudo dos vocábulos.

Pode-se acrescentar aqui que a transliteração é a mesma para o aramaico e parecida para o árabe, o ugarítico e o acadiano. Em ugarítico e em árabe existem algumas consoantes a mais: *ha*, *h*, que indica outro tipo de *h* palatal, já mencionado; *ghain*, *ġ* ou *ǧ*, que indica outro tipo de *ayin*; *d̄* e *d*, para indicar outros tipos de *d*; *z*, para indicar outra sibilante enfática, e *š*, frequentemente usado em lugar de *sh*. Segue-se o sistema encontrado em L. H. Gray, *Introduction to Semitic Comparative Linguistics* (Columbia University, 1934).

### A Localização das Palavras no DITAT

No léxico hebraico padrão, o de Brown, Driver e Briggs (*BDB*), impresso em 1905, as palavras encontram-se organizadas após as raízes de que derivam. Desse modo, para encontrar *mizbēah*, “altar”, é preciso procurá-la em *zābah*, “sacrificar”. Nos léxicos mais recentes, como o de Koehler e Baumgartner, as palavras são dispostas alfabeticamente. De sorte que a palavra *mizbēah* acha-se sob a letra *m*. No *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, aparecem as vantagens dos dois sistemas. As palavras encontram-se, de fato, organizadas de acordo com a raiz: a raiz verbal e as palavras derivadas são discutidas em conjunto. Mas todos os derivados estão também relacionados em sua correta posição em ordem alfabética, tendo ao lado uma referência numérica que remete à raiz verbal, onde, caso seja teologicamente importante, encontrar-se-á uma análise do significado da raiz verbal e de todos os seus derivados.

Houve empenho em alistar alfabeticamente todos os derivados cujas consoantes diferem das da raiz verbal, mesmo que sua posição em ordem alfabética seja bastante próxima à da própria raiz. A exceção a essa regra é o tratamento de formas femininas de substantivos masculinos, as quais terminam em *ā*. Estas são tratadas como derivados em seu devido lugar sob a raiz verbal, mas em geral, caso exista uma forma masculina correspondente, não serão indicadas por meio de referência numérica que remeta à raiz verbal. Desse modo, a palavra מְגוֹר (*māgôr*), da raiz גוּר (*gûr*), n.º 332, será encontrada sob a letra מ, *m*, e haverá um número de referência, 332a, ao lado da palavra e também debaixo de *gûr*, n.º 332. Mas a forma feminina מְגוֹרָה (*m'gôrâ*) não será citada sob a letra מ, *m*. Será encontrada procurando-se o substantivo masculino מְגוֹר (*māgôr*), n.º 332a, que remete à raiz n.º 332, na qual tanto o substantivo masculino quanto o feminino aparecem. Os substantivos com consoantes idênticas ao verbo aparecem apenas uma vez, debaixo da respectiva raiz verbal.

Na disposição alfabética, as vogais foram totalmente desconsideradas, com exceção de que *he*, *waw* e *yodh* são tratadas como consoantes mesmo quando funcionam como vogais. Por exemplo, מְדָה é seguido de מְדוּ, depois de מְדוּחַ, vindo em seguida מְדוּן, מְדוּעַ, מְדוּקָה, מְדוּקָהּ e מְדוּקָהּ.

Observe-se que, na transliteração, as vogais representadas em alfabeto latino com acento circunflexo (*â, ê, î, ô e ú*) sempre indicam consoantes hebraicas com valor vocálico (*he* [ה], *waw* [ו] ou *yodh* [י]), e essas letras são levadas em conta na alfabetação; mas as vogais não indicadas com essas três letras não são levadas em conta. A duplicação das consoantes também não é levada em conta na disposição alfabética. É claro que é seguida a ordem do alfabeto hebraico apresentada acima na tabela de transliteração.

Em hebraico existe considerável liberdade de escrever-se o *holem* com ou sem *waw* (respectivamente, escrita plena e escrita defectiva). O mesmo se aplica ao *hiriq* com ou sem *yodh*. Na maioria dos casos, as duas formas são apresentadas e devidamente colocadas em ordem alfabética em dois lugares diferentes. Às vezes, no entanto, caso a grafia divergente seja bem menos importante, pode ter sido desconsiderada. De modo que, por exemplo, caso não se tenha encontrado חוֹר, *hôr*, debaixo de *heth*, *waw* e *resh*, é recomendável procurar em חוּר, *hōr*, onde de fato aparece. Lembre-se sempre de que, para encontrar na ordem alfabética em hebraico uma palavra transliterada em português, é necessário levar em conta apenas as consoantes, mas isso inclui as vogais indicadas com circunflexo. Assim sendo, *m<sup>o</sup>gôrâ*, que foi mencionada acima, estará alfabetada em *mem* (*m*), *gimel* (*g*), *waw* (*w*), *resh* (*r*) e *he* (*h*).

Nos casos de divergência, no texto hebraico, entre as consoantes escritas (o que é chamado de *kethib*) e as vogais indicadas (o *qere*), nem sempre se assinalam as duas formas, mas houve empenho em relacionar ou uma ou outra leitura. [Os massoretas, judeus, que por volta do ano 1000 d.C. fizeram cópias do texto bíblico, as quais são hoje o texto hebraico aceito, tiveram o extremo cuidado de não mudar as palavras que entendiam dever ser substituídas por outras. Em alguns casos, a palavra original era um erro de cópia; em outros, uma palavra ofensiva; em outros ainda, o nome divino יְהוָה (Yahweh), que eles achavam ser santo demais para ser pronunciado. Em vez disso, colocaram as vogais da palavra “certa” nas consoantes daquela que achavam que era “errada”, escrevendo em alguns casos as consoantes “certas” na margem. O *kethib* são as consoantes da palavra “errada”; o *qere*, as vogais da palavra “certa” e, às vezes, na margem, as respectivas consoantes.]

Todos os vocábulos do hebraico bíblico estão incluídos no DITAT. Aqueles que, por uma razão ou outra, foram julgados de relevância teológica são tratados em definições em forma de artigo. Os demais, sobre os quais não existe divergência especial nem qualquer disputa teológica, são definidos numa linha, geralmente seguindo-se o BDB. Os nomes próprios de pessoas ou lugares não foram incluídos, exceto em casos como Abraão, Jerusalém, Jordão, que são palavras de interesse teológico especial. Talvez não seja necessário pedir desculpas pela brevidade das definições. Os estudiosos que desejam fazer uma pesquisa mais aprofundada em determinadas palavras naturalmente desejarão procurar em outros lugares, e as bibliografias que em geral se seguem aos artigos deverão ser de alguma ajuda. Mas o DITAT já está suficientemente volumoso para cumprir seu objetivo — ajudar o estudante da Bíblia e o pastor em sua tarefa séria de interpretar a Palavra de Deus. Um material valioso para o estudo mais avançado das palavras hebraicas pode ser encontrado em *Theological Dictionary of the New Testament*,



## SUGESTÕES DE USO

organizado por Kittel, e em *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, organizado por Colin Brown. As duas obras possuem índices das palavras hebraicas tratadas em vários lugares.

Por fim, há de se destacar a presença de um índice remissivo em português no final do segundo volume, característica exclusiva da edição brasileira. Exaustivo, esse índice foi elaborado para facilitar a consulta no DITAT a partir dos vocábulos em português. Ali, todas as traduções sugeridas para os vocábulos hebraicos estão alistadas alfabeticamente, e o leitor que as consultar será remetido para o(s) número(s) do(s) verbete(s) que discute(m) a palavra em questão.